

Um Estudo Bibliográfico Sobre a História da Identidade do Homem Gay Atravessada Pelo Olhar das Masculinidades¹

Diego Santos Friedrich²
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Para começar a entender “Como as narrativas audiovisuais influenciam a construção das identidades de homens gays a partir das suas representações midiáticas?” Esse estudo traz um apanhado histórico sobre a construção da identidade do homem gay no Brasil sobre a perspectiva dos autores Green (2000); Lücke (2023) e Trevisan (2018) com o objetivo de trazer os atravessamentos históricos da comunidade, como as suas representações midiáticas através do tempo. As construções dialógicas dessa investigação são sustentadas pelos Estudos Culturais, principalmente os estudos feministas sobre masculinidades através de pesquisa bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Masculinidades; Homem Gay; Sexualidade; Identidade.

INTRODUÇÃO

Quais são as representações do homem gay? Quais são nossas inspirações? O que atravessa nossas histórias? Quais marcas sociais e culturais fazem parte de nós? De onde vem nossos estigmas? Como lidamos com o envelhecimento e a solidão na comunidade? Essas são as inquietações que me levaram até o projeto de minha tese, buscando responder ao problema de pesquisa: “Como as narrativas audiovisuais influenciam a construção das identidades de homens gays a partir das suas representações midiáticas?”. Para eu começar a traçar todo esse trajeto de pesquisa, tomei a decisão de elaborar uma pesquisa bibliográfica, trazendo aproximações teóricas dos Estudos Culturais aos quais apresento aqui.

Em primeiro plano, trago a conceitualização de identidade a partir das reflexões de Hall (2006), suporte para as construções teóricas da pesquisa: 1. Identidade como processo - a identidade não é algo dado, mas sim algo que é constantemente construído e negociado ao longo do tempo. A identidade é um processo contínuo e dinâmico,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Memórias, Representações e Narrativas LGBTQIA+ na Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria. Especialista em Comunicação e Moda pela Universidade Positivo. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná. Doutorando em Comunicação na UFSM. Integrante dos grupos de pesquisa: ECCOS – Estudos de Comunicação, Consumo e Sociedade (UFPR) e Estudos Culturais e Audiovisualidades (UFSM).

moldado por uma variedade de fatores sociais, culturais, políticos e históricos. 2. Identidade como diferença e continuidade - a identidade é formada tanto por diferenças quanto por continuidades. Existe a importância das diferenças culturais, étnicas, raciais, de gênero e outras na construção da identidade, mas também destaca a importância das experiências compartilhadas e dos elementos comuns que unem grupos e comunidades. 3. Identidade e poder - as identidades são moldadas em relação ao poder e às relações de poder na sociedade. É examinado como certos grupos têm poder para definir e impor categorias de identidade, enquanto outros são marginalizados ou subalternizados. 4. Hibridismo e ambiguidade – o reconhecimento da natureza híbrida e ambígua das identidades contemporâneas, especialmente em contextos de globalização e migração. Ele argumenta que as identidades não são fixas ou homogêneas, mas sim fluidas e mutáveis, com elementos múltiplos e muitas vezes contraditórios.

Após essa reflexão, traço um apanhado histórico sobre a homossexualidade no Brasil, pautando sobre essa construção indenitária proposta por Hall (2006). Revisito a época em que praças eram locais de encontro entre homens para a prática sexual entre 1898-1914, passando para a vida noturna e o sexo entre 1920-1945, as primeiras alterações sintáticas e a formulação de uma nova identidade entre 1945-1968, aos tempos de “Abaixo a repressão” entre 1969-1980 até as identidades contemporâneas dos dias atuais.

Enquanto perpasso pelo pensamento de Green (2000) e Trevisan (2018), faço aproximações e tensionamentos a partir dos estudos feministas sobre masculinidades, acionando vozes de Badinter (1993); Connel (2005) e Butler (2010) para pensar na construção das masculinidades frente ao homem gay e seus atravessamentos. Nessa perspectiva de entender os atravessamentos da masculinidade na construção indenitária do homem gay, também me aproveito dos estudos de Lücke (2008) para pensar em *Männlichkeit in Unordnung*³, refletindo como essa construção social acontece a partir da intersecção da sexualidade.

Em um outro momento trago reflexões do campo da sexualidade para pensar suas influências com a identidade do homem gay e seus atravessamentos frente as construções de masculinidades, trazendo a ideia do “armário” como um dispositivo de regulação da vida de gays (SEDGWICK, 2007) e as reflexões de Foucault (2021).

³ Em tradução do autor: Masculinidade em desordem.

Após essas reflexões trago os apontamentos final, mostrando características das identidades do homem gay e sua construção. Também exponho os próximos passos dessa pesquisa e seus objetivos, como a ideia de pensar em como as representações midiáticas influenciam e dinamizam as identidades contemporâneas.

METODOLOGIA

A metodologia da presente pesquisa está na revisão bibliográfica acerca do assunto. Foram visitadas mais de 294 produções as quais trago para esse texto os mais pertinentes para compor o constructo teórico da pesquisa de tese em desenvolvimento. Ao passo que exponho os estudos selecionados, também faço as aproximações entre eles no intuito de construir base que sustente a pesquisa proposta.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Começo trazendo Stuart Hall, o teórico cultural e social britânico, fez importantes contribuições para o entendimento das identidades e suas formações. Uma de suas ideias centrais é a perspectiva de que as identidades não são fixas ou inatas, mas sim construídas socialmente e culturalmente.

Utilizo de suas obras *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2006) e *Cultura e Representação* (2016), a primeira para conceituar a identidade, conforme visto acima, enquanto a segunda é utilizada para pensar nas representações midiáticas.

Recorro a voz de James Green (2000), historiador norte-americano que encontrou berço em terras brasileiras, em que despertou profundo gosto em desvendar as identidades homossexuais no Brasil. Vivendo em tempos de regime militar, a “política de identidades”, desenvolvida por feministas, negros, indígenas e gays começavam a ganhar a simpatia de “amigos marxistas”, esses que pregavam a “vitória da ‘luta maior’, ou seja, do socialismo, resultaria inexoravelmente no fim da opressão das assim chamadas ‘minorias’ sexuais, étnicas e de gênero” (GREEN,2000). Confluo as reflexões do autor com as do Dr. João Silvério Trevisan (2018).

A filósofa francesa Elisabeth Badinter (1993) é de extrema importância para pensar na construção das masculinidades, trago uma de suas reflexões para pensar em sua teoria:

“O tornar-se masculino envolve fatores psicológicos, sociais e culturais que nada tem a ver com a genética, mas desempenham

papel não menos determinante, talvez mais, do que ela. De XY ao sentimento de de identidade masculina, que marca a completude da evolução do homem, o caminho é longo e semeado de emboscadas. Um pouco mais longo e um pouco mais difícil que o percurso feminino, ao contrário do que por muito tempo se acreditou.” BADINTER, Elisabeth, 1993, s/p.

Ainda, aciono Butler (2010), trazendo o gênero como “performatividade produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero” (BUTLER, 2010, p.48. Grifos da autora). Pode-se dizer que a identidade de gênero é performatividade constitutiva pois os atos que regem essa formação identitária do gênero são performativos, sendo projetados por sinais corporais e por meios discursivos, tirando o caráter ontológico do gênero.

Além disso, a teoria Queer de Butler critica a ideia de uma identidade de gênero essencialista, argumentando que o gênero é fluido e mutável ao longo do tempo. Ela também explora as interseções entre o gênero, a sexualidade e outras categorias de identidade, como raça e classe social, demonstrando como esses fatores se entrelaçam para moldar as experiências das pessoas.

Connell e Messerschmidt (2013) desenvolveram a teoria da masculinidade hegemônica, uma abordagem que analisa as diferentes formas em que a masculinidade é construída, vivida e mantida em sociedade. Essa teoria examina como as normas culturais e sociais moldam as percepções e práticas de masculinidade.

A masculinidade hegemônica é uma forma dominante de masculinidade que é valorizada e promovida nas sociedades. Ela frequentemente envolve traços como poder, controle, agressividade e a negação de traços considerados "femininos". Essa forma de masculinidade é vista como o padrão pelo qual outras formas de masculinidade são comparadas e muitas vezes subordinadas.

Connell e Messerschmidt (2013) argumentam que a masculinidade hegemônica não é uma característica inata dos homens, mas sim uma construção social que é mantida através de práticas individuais e institucionais. Eles também destacam que a masculinidade hegemônica pode ser mantida e desafiada em diferentes contextos e situações. Além disso, eles observam que existem diferentes formas de masculinidade que coexistem na sociedade. Isso inclui a masculinidade subordinada (quando os homens

não se encaixam na norma hegemônica), a masculinidade marginalizada (quando homens de grupos minoritários enfrentam estigmas adicionais) e a masculinidade contestatória (quando homens desafiam ativamente as normas de gênero dominantes).

Michael Kimmel (1998), enfatiza a ideia de que a masculinidade não é uma característica inata, mas sim uma performance construída em conformidade com as expectativas sociais e culturais. Kimmel argumenta que os homens são moldados por normas rígidas que podem limitar a expressão emocional e restringir o espectro de identidades masculinas aceitáveis. Sua pesquisa também destaca que as construções de masculinidade não são uniformes, mas são influenciadas pela raça, classe social e outras dimensões da identidade. Ao examinar o impacto prejudicial das normas de gênero, Kimmel oferece insights valiosos sobre como as representações culturais e sociais da masculinidade afetam não apenas as mulheres, mas também os próprios homens. Seu trabalho tem contribuído para uma compreensão mais crítica das pressões e complexidades enfrentadas pelos homens na busca por identidades masculinas autênticas.

Ainda preencho essas retóricas com a conceitualização do historiador alemão Lücke (2008) para pensar em *Männlichkeit in Unordnung*, conceito que ele delimitou ao investigar a homossexualidade e prostituição masculina no império e na república de Weimar.

Foucault (2021) também é muito importante para trazer as retóricas da sexualidade para a discussão. A partir dele refletimos a sexualidade como algo não inerente à natureza humana, mas sim uma construção social que é moldada pelo poder e pelas instituições sociais.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **XY**: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**: Second Edition Califórnia: University of California Press, 2005.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a sexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

GREEN, James. **Além do Carnaval**. A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016.

KIMMEL, Michael S. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LÜCKE, Martin. **Männlichkeit in Unordnung**: Homosexualität und männliche Prostitution in Kaiserreich und Weimarer Republik. Frankfurt: Campus Verlag, 2008.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. São Paulo: Objetiva, 2018.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Quereres, v.28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <[https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2007\(28\)/Sedgwick.pdf](https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2007(28)/Sedgwick.pdf)>. Acesso em 29/4/2024.